



HELL DE JANEIRO REFLEXÕES SOBRE A VIDA CONTEMPORÂNEA

Débora Racy Soares é doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Sua pesquisa atual ocupa-se da poesia alternativa, produzida no Brasil, nos anos setenta.

E-mail: debora_racy@yahoo.com.br

Resumo

Hell de Janeiro (2011), o “noir bronzado” de Carmen Filgueiras, trata das peripécias de personagens urbanas e decadentes, em estilo detetivesco, com ironia corrosiva e alta dose de lucidez.

Abstract

Hell de Janeiro (2011), the “noir tanned” short novel written by Carmen Filgueiras, is about the adventures of urban and decadent characters, following a detective style, merged into corrosive irony and extreme lucidity

Não parece ser mera coincidência o fato de o título da ótima primeira novela “noir bronzado”, de Carmen Filgueiras, ser homônimo de uma letra de música do Bonde da Stronda. É que *Hell de Janeiro* (Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011, 82 p.), o livro, foi escrito por alguém que não se furta à multiplicidade de referências que a rodeiam. A trajetória intelectual da autora, por si só, exemplifica sua inquietude intelectual, impulsionada pela constante prática do descolamento de si, seja para melhor entender a alteridade, seja para ampliar o foco de visão.

Embora tenha certo espírito detetivesco, à semelhança de uma de suas personagens (Bebel), vezes há em que Carmen prefere a luneta à lupa. É assim, através do intercalado movimento de aproximação e de distanciamento – ou, se preferirem, da estratégia construtiva ora luneta, ora lupa – que o enredo de *Hell de Janeiro* vai sendo construído, aos olhos dos leitores, propositadamente, confundidos. É certo que estes atônitos leitores também precisam atuar como detetives, se quiserem desvendar o misterioso desaparecimento de corpos cuja identificação parece impossível. Adrede, a autora não se cansa de dar pistas falsas e de embaralhar as histórias. Há que se destacar: depois que os crimes são esclarecidos, a segunda leitura é ainda mais cativante. Os detalhes e as mirabolantes minúcias que compõem este *noir* tropical, solar, iluminado(r), começam a dar margem a outros sentidos e a novas descobertas.

Carmen Filgueiras, doutoranda em Literatura na PUC-RJ, foi pesquisadora visitante na Brown University, em 2011, onde desenvolveu pesquisas sobre literatura policial, tema de sua tese. É mestre em Artes Cênicas pela UniRio, com dissertação sobre a adaptação cinematográfica de *Hamlet* por Michael Almereyda, e bacharel em Filosofia pela UFRJ, com monografia sobre a influência de Kant na obra de Schiller. Autora *sui generis*, escreveu uma peça de teatro, *Vontade de Nada* (2002), selecionada pelo projeto Nova

Dramaturgia Brasileira. Como contista, com seu “Entre Margens”, foi selecionada para integrar a *Antologia Brasileira de Contos* (Rio de Janeiro: Taba Cultural, 2007).

É interessante perceber que Carmen transita por diferentes gêneros literários sem qualquer constrangimento, como se ao testar seus próprios limites como autora, problematizasse a validade de classificações estanques e redutoras. Se a noção de gênero literário parece *démodé*, a dos gêneros sexuais, no entanto, é atualíssima e está presente neste *Hell*, ao lado da desestabilização da identidade autoral. “Poderia ter escrito usando o gênero masculino. Nunca soube o que sou. Deus não me permitiu olhar para minha genitália. Não sei o que tem lá. Sendo assim, me invento (...)”, diz um/a dos/as personagens (p.19-20). Os exemplos podem ser colhidos à exaustão e sinalizam: o enredo *noir* rocambolesco acaba se desenrolando *pari passu* a reflexões sobre a vida contemporânea e sobre a própria literatura. Não bastasse a existência do travesti Vitória/ Mister Ossinho, “um/a moço/a fino/a”, “garoto que resolveu se vestir de mulher”, uma incerta Carmem Judithsk, que aparece no quinto capítulo, também não se define, com sua clara ambivalência (p.41, 29). O excesso (ou a ausência) de disfarce dá a (falsa) impressão de que a Carmem personagem funcionaria como *alter ego* da Carmen autora:

“Pensei em retirar o trecho a seguir. Mas, apesar de o desenvolvimento ser de leitura ainda mais desinteressante e pouco estruturada do que a do anterior, ele contém informações relevantes. Assim, peço desculpas ao/à leitor/a pela má pavimentação e insisto que essa estrada ainda nos levará a algum lugar... Ou, em termos dramáticos, suplico certa boa vontade sua enquanto informo que mantereí o não-censurado-por-pouco em *itálico*. (Filgueiras, 2011, p.31).

Carmen ou Carmem? Não se deixem enganar. Levantar suspeitas faz parte da estratégia discursiva da autora e, claro, faz jus ao estilo detetivesco do *Hell*. O inferno talvez seja mesmo esta personagem que “quando percebe(u) que podia ser um homem escond(eu) (seus) peitos” (p.32). Ela/Ele explica: “como todo mundo, gosto de poder. E linguagem/representação é homem e linguagem/representação é poder e poder é poder” (p.32). Envolt(a) em questões de falo e de fala, promete o “não-censurado-por-pouco em *itálico*” (p.31). No entanto, cadê o *itálico*? Ela/e diz tudo e diz nada, sem papas na língua, através do absoluto domínio do/a falo/a, porque (e *pour cause*) “odei(a) a noção de autor” (p.34).

O questionamento da identidade, aliás, é tema caro à autora e já está presente, sob o desdobramento da perspectiva feminina, na peça *Vontade de Nada* (2002). No entanto, se na peça Filgueiras sucede ao evitar o lugar-comum, fugindo de personagens estereotipadas, neste *Hell* parece ter optado pelo caminho inverso. Ao abusar dos clichês, pelo prazer de pervertê-los, desconstrói ideologias, revelando-se crítica mordaz de nossas misérias mezinhas, seja através da agudeza e lucidez de seu olhar ou de sua ironia afiada e alfinetada. Manu, a primeira personagem introduzida, é “alta, loira, magra e rica. Ainda

assim, ela (é) uma garota bacana” (p.09). Ted, “fotógrafo da revista concorrente com nome em inglês”, “entr(a) na vida” de Manu. É descrito como sendo “calvo, obeso, corcunda, um metro e sessenta” (p.09). No entanto, é “claro” que a bela se apaixona pela fera, seu “ideal estético-ideológico-ou-sei-lá”, pois Manuela é “a contradição andando por aí” (p.10, 12). No segundo capítulo, aparece Miss Redonda, cuja estória entrelaça-se à de Manu. Esta Miss, que “pes(a) 107 quilos” e med(e) 1 e 63”, é “macia, mas sabe ser pesada também” (p.15). “Nada lhe d(á) tanto prazer quanto a quinta mordida do terceiro sanduíche” (p.15). Ademais, bebe “refrigerante *diet*”, pois “nunca pôde entender como algumas pessoas insistem em beber o refrigerante com mais calorias e sabor original” (p.16). Como se percebe, os personagens são muito bem delineados do ponto de vista psicológico. São estranhos e familiares, cínicos e decadentes, quase sempre toxicômanos. Qualquer semelhança com a realidade dos grandes centros urbanos corrompidos está longe de ser mera coincidência. Manuelas e Patricinhas estão às voltas, assim como Theos e Vitórias.

Já valeria a leitura deste *Hell* só pelas sacadas geniais: “eles têm uma dor que nem a Mercedes que a Janis quer pode anestesiar”, “– O excesso abre as portas da percepção” (...) – O problema é: para que enxergar ainda mais toda essa merda?”, “Antes da lei e da ordem vem a fome” e, por aí, vai (p.22-23). No entanto, o livro transcende os *insights* inteligentes e bem elaborados, afirmando a qualidade de sua autora, em pleno domínio de seus recursos. As personagens, por si só, são um *show* à parte. Não há dúvida: este *Hell* vai infernizar os leitores. Para dizer como alguém que conhecemos: é muito *punk*, é muito *rock-and-roll*. E haja sangue frio.

Referência Bibliográfica

FILGUEIRAS, Carmen. **Hell de Janeiro – o noir bronzeado**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.